

Quando acho nunca mais perco: crônica de um “encontro marcado” com a Etnomatemática

Eliane Costa Santos
Salvador, Bahia, Brasil
elianecostasantos@unilab.edu.br
Doutora
UNILAB/MALES
<https://orcid.org/0000-0002-0759-2550>

Quem já teve o ímpeto de ver uma revista no chão, no meio da rua, mesmo que suja e rasgada, e sentiu muito à vontade para baixar e pegar, sabe o sentimento que tive ao ver uma capa bem colorida, rasgada com a chamada principal “Etnomatemática”.

Foi num ímpeto tão grande que nem pensei que aquela capa da revista estava numa esquina do centro da cidade, no Largo 2 de Julho, em Salvador /BA perto de um poste, possivelmente tenha caído de uma lata de lixo, ou quiçá do carro de lixo. O impulso foi superior a todos os detalhes que poderiam vir no pensamento de qualquer pessoa que se identifica com algum título anunciado em um material que está exposto no chão da rua, mas também, sabe o perigo de pegar um papel sujo no chão.

Foi de tamanho regalo, de tão profunda alegria, que no momento só pensava em ter achado algo que procurava desde início da década de 90. Peguei aquela capa rasgada, fui ver o que estava escrito após a palavra “etnomatemática”, com muito esforço tirei a sujeira, consegui ler “uma educação com base na Cultura”, e na contracapa tinha a caixa postal de Ubiratan D’Ambrosio.

Me veio à mente que antes de 1992 na militância do Movimento Negro Unificado – MNU, em formação, a professora Ana Celia da Silva afirmou que as crianças evadiam porque o livro didático era racista, e a professora inferia que uma das saídas era fazer um livro didático contando as histórias e culturas dos negros antes de chegarem ao Brasil. Folheando um livro didático de português, foi criticando textos e imagens, ao tempo que reprochava ao ensino de diversos conteúdos. Sob ímpeto, mas sem nenhum acinte, solta uma pérola para mim, que estava a acompanhá-la: “para aula de matemática, Liu, você sabe como fazer para chegar até os estudantes conteúdos menos racista? Como dar uma



aula sem tantas negações do sujeito negro?” Fiquei estupefata com a pergunta. Até ali, matemática para mim era uma área do conhecimento exata, a distinção estava na questão de gênero forjada pelo machismo, ou pelo racismo que impedia que as mulheres se vissem em alguns lugares. Após a pergunta, de forma cabisbaixa, me restou timidamente balançar a cabeça respondendo que “Não”.

A angústia da pergunta foi transformada de imediato, em gatilho para busca de uma alternativa. Semana seguinte, na turma da Educação básica em São Francisco do Conde, cidade essencialmente negra, perguntei aos estudantes repetentes do 5º ano, o que fazia eles terem dificuldades com a matemática. De pronto, em coro, como nunca responderam uma questão em minha aula, apontaram que “a matemática em sala de aula era muito difícil”; “era diferente da que faziam lá fora, no trabalho” e assim uns falavam e outros complementavam, até um sugerir que fossemos conhecer a matemática de onde a maioria ali trabalhavam - a “Feira”. Sem pestanejar, mais parecia uma assembleia, todos apoiaram optando de como deveria acontecer. Consultei a coordenadora, e como sugerido aconteceu - tornei aula de campo como caminhos metodológicos para aquela unidade - comecei o componente matemática na Feira da cidade, observando o Saber dos estudantes feirantes, a forma que eles tinham de contar, passar troco, pesar, medir, o uso de alguns sistemas oficiais e outros não - o metro era medido da ponta do dedo maior de todos com o braço esticado para a lateral até a ponta do nariz com o rosto virado para o lado oposto; em algumas bancas o volume e o peso eram medidos por uma “lata” e o quantitativo era dado por “monte”, havia de comum o troco, com números decimais, nunca erravam...

Ao entrar em transe com a capa da revista ECO, anotando a caixa Postal de Ubiratan D’Ambrosio, era um encontro que fora marcado para eu responder perguntas. Assim, comecei minha procura ao Prof. Ubiratan D’Ambrosio. Enviei várias mensagens pela caixa postal disponibilizada no capa da revista. Anos depois, após conhecê-lo descobri que a caixa postal, na época, já estava desativada.

Mesmo sem o professor Ubiratan responder, fui pesquisando, procurei comprar o livro “Da realidade à Ação: Reflexão sobre a Educação Matemática”; e depois mandei pedir

que postasse pelo correio o livro “Arte e Técnica de Explicar ou entender”. Pesquisar, para mim foi essencial, descobri que: 1) Etno, para Ubiratan não vinha de Etnia;; 2) Etnomatemática não era nada novo, se discutia no Brasil desde a década de 70; 3) Me instigou a estudar sobre Imotep. Sobre as culturas africanas. E assim cheguei ao entendimento que o achado daquela capa, fora apenas signos dos caminhos que Eu tinha a seguir.

Assim sigo etnomatematizando, ora epistemologicamente, ora metodologicamente ... o que está certo? Não sei... sei que sigo .

O bloco Afro Ilê Aiyê, tinha um projeto de educação para crianças e jovens - Banda Erê do Ilê Aiyê – comecei a “estudar” com os jovens da Banda a matemática a partir do canto, percussão e dança. Na ONG que trabalhava a estética negra como processo da identidade do corpo, roupas – Núcleo Omi-Dudu, “estudei” matemática a partir das tranças e do turbante. Para o sindicato das trabalhadoras domésticas, em um projeto profissionalizante, trago a matemática a partir do dia a dia delas.

Ufa! Em 2000 conheci D’Ambrosio, no Rio de Janeiro. Ele de forma bem entusiasmado com o que até ali Eu trabalhava, me convidou a fazer mestrado... Eu queria muito, mas não tinha condições de sair de Salvador para estudar em São Paulo.

Neste mesmo ano de 2000, já fazendo parte da equipe de formadoras da Escola Plural, CEAFFRO – Centro de Estudos Afro Oriental da UFBA, me inscrevo para ser estudante, da Especialização em “Educação para as Relações Étnico Raciais”. Neste, escrevo artigos sobre afroetnomatemática com Professor Henrique Cunha. Finalizo a especialização, sem defender a monografia, quando sou aprovado no mestrado .

Enfim, reencontro D’Ambrosio, em 2004, no Congresso Brasileiro de Etnomatemática, em Natal. Sou apresentada a Arthur Powell, Iran Abreu, Maria do Carmo Domite e alguns membros do grupo o qual ele e Do Carmo coordenavam - GEPEm - Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática da FEUSP. Nesse Congresso expus um pôster sobre “Etnomatemática e cultura africana”, único pôster apresentado no Congresso com tema correlato a cultura negra, e Ubiratan me convida a entrar no GEPEm D’Ambrosio no



fechamento da mesa indicou que na edição seguinte tivesse uma mesa sobre Etnomatemática e cultura negra. Foi essa minha boas vindas!

Em 2005, sou aprovada numa bolsa Internacional Ford Foundation, fui morar em São Paulo, fiz mestrado na PUC/SP, sob orientação do Prof. Ubiratan, pesquisando Etnomatemática na cultura Africana. A bolsa trouxe a possibilidade de pesquisar no país africano em Gana... Terminado mestrado, sou aprovada no doutorado na FEUSP sob orientação de Maria do Carmo Domite, saio da cultura Ganesa e vou observar a Etnomatemática em diversas culturas africanas.

Após doutorado, ainda morando em São Paulo, sou convidada a assessorar o Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais–ERER da Secretaria Municipal de Educação - SME, na perspectiva de trazer a discussão da Etnomatemática para dentro da Secretaria, dessa forma Etnomatemática atravessa a formação de Currículo da Cidade de São Paulo. Paralelo ao ERER, assessoro o Núcleo de Jogos de Tabuleiro a implantar o jogo Africano Mancala Awele na Rede Municipal de São Paulo.

Fecho o ciclo em São Paulo (2005-2016), ao ser aprovada no Concurso para docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB campus Malês – uma universidade Federal que tem no nascedouro acordo de cooperação de Ações Afirmativas com países africanos de língua oficial portuguesa, portanto, uma instituição pautadas em propostas decoloniais, afrocentricidade, quilombismo, entre outros, tendo Etnomatemática como componente obrigatório.

E a vida continua... retornando de Goiânia para Salvador, em plena primavera de 2016 após o Congresso Brasileiro de Etnomatemática, conheci três baianas: Olenêva, Marcela e Anna. Durante impressões sobre o Congresso, percebemos que havia uma lacuna muito grande com relação a grupos institucionalizados de Etnomatemática no Nordeste e em específico na Bahia, assim decidimos fundar em 2016 o atual Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática, GIEPEm, e em 2017 registramo-lo pela UNILAB, no CNPQ.



Corpos que andam encontram caminhos, Rodrigo Abreu, membro do GEPEm, em convite do professor da FEUSP, Roberto da Silva, me indica a fazer parte da equipe para criar o mestrado em Educação na ULAN –Universidade Lueji A'NKonde em Dundo - Angola. Lecionei o componente “Etnomatemática nas culturas africanas”, orientei estudantes que estão dando continuidade à pesquisa com Etnomatemática, desenvolvi trabalhos em parcerias, aqui no Brasil, com professores de Angola. E em 2024, fiz pós-doutorado com pesquisa de campo em Dundo e Bié.

E assim, continuamente afirmo que o achado na minha vida não é uma casualidade, é um encontro marcado. Se acho algo que seja para aquilombar, nunca mais perco. Se perco, é porque as energias que marcaram o encontro se incumbiu de desmarcar, ou permitiu que outras desmarcassem, pois não seria caminhos abertos para mim... **assim, encontrei Ubiratan e a Etnomatemática, numa esquina, num poste, no chão da rua a me esperar.**

Quando acho nunca mais perco: Crônica de um "Encontro Marcado" com a Etnomatemática

When I find it, I never lose it: Chronicle of a "Scheduled Encounter" with Ethnomathematics

Cuando lo encuentro, nunca lo pierdo: Crónica de un "Encuentro Programado" con la Etnomatemática.

Resumo

Esta crônica descreve encontros marcados por signos inicialmente não identificados. “Etnomatemática” na capa de uma revista, leva à Memória de formação no MNU na década de 90. Conduz ao elo com Ubiratan D’Ambrosio; ao mestrado e doutorado; ao GEPEMe GIEPEm; a lecionar Etnomatemática na graduação (UNILAB/Bahia/Brasil) e mestrado (ULAN/Dundo/Angola). Signos e símbolos que induzem a autora reafirmar: “Encontros não são casualidades, são marcas culturais da ancestralidade para aquilombar. Ao encontrar nunca mais perco, se perder, não seria para ter achado...”. Assim foi com a ETNOMATEMÁTICA, por meio da capa rasgada de um fascículo da revista ECO, a esperar num chão de rua.

Palavras chaves: Etnomatemática. D’Ambrosio. Culturas. Ancestralidade. Aquilombar.

Abstract

This chronicle describes encounters marked by signs that were initially unidentified. “Ethnomathematics” on the cover of a magazine leads to the Memoir of the MNU in the 1990s. It leads to the connection with Ubiratan D’Ambrosio; to the master’s and doctorate; to GEPEm and GIEPEm; to teaching Ethnomathematics in undergraduate (UNILAB/Bahia/Brazil) and master’s (ULAN/Dundo/Angola) programs. Signs and symbols that lead the author to reaffirm: “Encounters are not coincidences, they are cultural marks of the ancestry of the quilombo. When I find something, I never lose it, and if I lose it, it would not be for having found it...”. This was the case with ETHNOMATHEMATICS, through the torn cover of an issue of the magazine ECO, waiting on the ground.

Keywords: Ethnomathematics. D’Ambrosio. Cultures. Ancestry. Aquilombar.

Resumen

Esta crónica describe encuentros marcados por signos inicialmente no identificados. “Etnomatemáticas” en la portada de una revista, remite a la Formación de la Memoria en la MNU en los años 90. Conduce al vínculo con Ubiratan D’Ambrosio; a los grados de maestría y doctorado; al GEPEm y al GIEPEm; Enseñanza de Etnomatemáticas en cursos de pregrado (UNILAB/Bahía/Brasil) y maestría (ULAN/Dundo/Angola). Signos y símbolos que llevan al autor a reafirmar: «Los encuentros no son casualidades, son marcas culturales de la ascendencia quilombola. Cuando encuentro algo, nunca lo pierdo, y si lo pierdo, no sería por haberlo encontrado...». Tal fue el caso de ETNOMATEMÁTICA, a través de la portada rasgada de un número de la revista ECO, que esperaba en el suelo de la calle.

Palabras clave: Etnomatemáticas. D’Ambrosio. Culturas. Ascendencia. Aquilombar.



Recebido 16 maio 2025.
Aceito 21 setembro 2025.

